



AS INFLUÊNCIAS TECNOLÓGICAS NO DESENVOLVIMENTO DA CULTURA

Adriana Silva da Silva¹

RESUMO: Vive-se em um mundo imerso em imagens de origens diversas: rótulos de produtos, propagandas, filmes, jornais, entre outras. Há muito também se discute o modo como essas imagens impactam o cotidiano do indivíduo, por exemplo: de que forma um anúncio de produto consegue interferir na sua tomada de decisão de comprá-lo ou não? O que faz com que ele decida compartilhar com seus amigos imagens diversas em redes sociais? É o ensino da arte o ambiente promissor para o desenvolvimento e aprofundamento dessas questões. Inseridos em um contexto onde a efemeridade das informações é evidente, repensar e discutir o caráter expressivo de uma imagem implica um debruçar-se sobre os traços culturais que estão se constituindo em um mundo cada vez mais híbrido, e por que não dizer líquido, dentro das concepções do sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Para compreender os efeitos culturais das imagens digitais é preciso ter clareza acerca daquilo que se propõe, dentro dos conceitos englobados naquilo que se entende como cultura, uma vez que ela permite que se reúnam traços característicos de um determinado grupo. A cultura digital cria um acúmulo de informação a uma velocidade de circulação nunca vista em qualquer meio de comunicação existente, mesclando-se com a cultura de massa e a das mídias. É necessário compreender que cada uma possui suas particularidades. Com a finalidade de compreender as imagens, no âmbito epistemológico, busca-se na cultura visual o respaldo para tal.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino da arte. Cultura digital. Cultura visual.

ABSTRACT: We living in a world immersed in images, from several images: product labels, advertisements, movies, newspapers, and others. For long also discusses how these images impact our daily lives, for example: how a product announcement can interfere in my decision to buy it or not? What makes me decide to share with my friends several images on social networks? Is the art education the most promising environment for the development and deepening of these issues. Inserted in a context where the ephemerality of information is evident, rethink and discuss the expressive character of an image implies in an self-address on the cultural traces that are constituting in an increasingly hybrid world, and why not say liquid, within the conceptions of the Polish sociologist Zygmunt Bauman. To comprehend the cultural effects of digital images is necessary to be clear about what is proposed inside the concepts encompassed in what is understood as culture, since it allows you to reunite characteristic features of a particular group. The digital culture create an accumulation of information in a

¹ Mestre em Artes Visuais pela UFPel (2014). Professora no Instituto Federal Sul-riograndense. Email: drikassilva@hotmail.com



circulation speed never seen in any existing medium of communication, mixing it with mass culture and the medias. Is necessary comprehend that each one has its peculiarities. In order to understand the images in the epistemological framework is sought in visual culture the support to do so.

KEYWORDS: Art education. Digital culture. Visual culture.

AS INFLUÊNCIAS TECNOLÓGICAS NO DESENVOLVIMENTO DA CULTURA

Há inúmeras definições de cultura. No senso comum, afirma-se que a cultura é apreendida pelos indivíduos e os orienta na adaptação ao meio ambiente. A cultura é variável e está manifesta em todas as ações dos sujeitos. O termo também é utilizado para sinalizar tradição, mas sua aplicação varia, ao longo da história da humanidade. Santaella (2008, p.31) considera que a cultura compõe “[...] parte do ambiente que é feito pelo homem. [...] é mais que um fenômeno biológico. [a cultura] inclui todos os elementos do legado humano maduro que foi adquirido através do seu grupo pela aprendizagem consciente [...] ou por processos de condicionamento”.

De um ponto de vista semiótico, cultura é mediação. Onde houver vida, há cultura, pois a vida só se explica porque, no seu cerne, reside a inteligência, outro nome para a mediação. Desse modo, as diferenças entre natureza e cultura não se resolvem na simples e fácil oposição, mas nas gradações que vão das formas mais rudimentares de vida e cultura até as formas mais complexas, estas manifestas na capacidade simbólica da espécie humana. É em razão dessa complexidade que o ser humano e todas as formas e níveis de cultura por ele produzidos se constituem em pontos privilegiados a partir dos quais se pode mirar a vida e o universo (SANTAELLA, 2008, p.219).

Considerando, a partir do ponto de vista de Santaella (2008), que cultura é resultado das situações às quais o ser humano está exposto e que a cultura está em tudo, destacar o que é e o que não é cultura é uma tarefa impossível, apesar de inúmeras tentativas, a partir de distintas perspectivas. A cultura interfere na evolução do homem, sendo fator fundamental para o seu desenvolvimento. Ela se relaciona com “[...] ações, ideias e artefatos que os indivíduos numa dada tradição aprendem, compartilham e avaliam. Via de regra, as ações, ideias e artefatos são



englobados sob uma rubrica mais geral denominada comportamento ou costumes” (SANTAELLA, 2008, p.43).

Alguns comportamentos são isolados e passam a ser chamados de traços culturais e, quando esses traços culturais são associados em grupos, são chamados de traços complexos. Outra abordagem sobre o conceito de cultura diz que:

Cultura, em todos os seus sentidos, social, intelectual ou artístico é uma metáfora derivada da palavra latina *cultura*, que, no seu sentido original, significava o ato de cultivar o solo (...). A cultura é como a vida. Sua tendência é crescer, desenvolver-se e proliferar (...) (SANTAELLA, 2008, p.29).

Entendê-la como um fator que permeia a vida, propiciando crescimento, desenvolvimento e sua proliferação, remete ao fato de que é por meio da cultura que as pessoas definem a sua identidade, ou seja, é por meio da cultura de determinada sociedade que é possível compreendê-la. Por ser um conceito não estanque, ressaltamos que a cultura é variável na medida em que surge a necessidade de constituir uma identidade (MIRZOEFF, 2003).

A partir da compreensão de que a cultura está relacionada ao desenvolvimento do sujeito, destacamos que existem duas perspectivas de análise das culturas. Uma delas é humanista, que entende como cultura alguns segmentos da produção humana e considera outros como elementos não culturais. A outra concepção é antropológica e associa o termo cultura a todas as referências sociais e a tudo que se soma a ela. Dessa forma, a cultura está em constante estado de desenvolvimento e transformação (SANTAELLA, 2008).

Tendo em vista a busca por abordagem que discuta os efeitos da cultura visual no que concerne ao impacto das imagens digitais na cultura e identificar os traços culturais em comum entre os jovens, na atualidade, consumidores primeiros dessa nova configuração visual, consideramos apropriado refletir sobre tais traços, a partir do ponto de vista antropológico. Uma vez que, nesta concepção, os aspectos culturais estão associados ao meio social em que o sujeito está inserido e que a cultura está em permanente estado de atualização, uma característica que também se aplica ao desenvolvimento tecnológico associado ao computador é a internet. Além dessa concepção, cremos ser conveniente abordar a divisão proposta por Santaella (2008) acerca das transformações em âmbito cultural, acompanhando o desenvolvimento do homem.

Santaella (2008) propõe a seguinte divisão da esfera cultural:



- a) Cultura oral
- b) Cultura escrita
- c) Cultura impressa
- d) Cultura de massas
- e) Cultura de mídias
- f) Cultura digital.

No entanto, a autora ressalta que não podemos considerar essas fases como um encadeamento linear, uma vez que as culturas se organizam do engendramento de alguns fatores culturais, gerando novas funções e novos ajustes. A autora faz uma ressalva sobre essas designações: não devemos confundir cultura das mídias com a cultura das massas, nem com a cultura digital ou com a cibercultura. Para evitar tais confusões apresentamos as particularidades dessas concepções de culturas, sob a perspectiva de Santaella (2008).

Definir a sociedade midiática implica na revisão do próprio termo mídia, o qual se refere aos meios de comunicação de massa (jornal, rádio, televisão, revista, novelas, *outdoors...*). Com a informática, este termo foi ampliado e refere-se, também, aos meios de comunicação (aparelhos, dispositivos, programas, entre outros). Na medida em que essas mídias evoluem, passamos por um desenvolvimento cultural que recentemente começa a se instaurar. Santaella (2008) considera que sua influência na sociedade será maior do que aquelas ocorridas com o desenvolvimento da prensa manual e da fotografia, uma vez que a revolução midiática provoca mudanças significativas nas formas de produzir, distribuir e comunicar. O desenvolvimento de novas práticas comunicacionais carrega um ciclo cultural particular (SANTAELLA, 2008).

Com o surgimento de tecnologias, como fotocopiadoras, vídeo cassetes, *walkman*, *walk-talk*, televisão a cabo, dentre outros, uma cultura de transitoriedade começa a se organizar. A principal característica desses mecanismos é permitir que o sujeito escolha e consuma algo que pode ser *personalizado*, fator que se contrapõe ao consumo em massa, no qual os objetos são serializados. A possibilidade de interação é uma ideia que a cultura das mídias começa a organizar dentro da sociedade, pois desloca o espectador da posição inerte, de apenas receber a informação, e o induz a buscar aquilo que lhe interessa em determinado momento. Com a personalização e a possibilidade de interação, os sujeitos começaram a ser preparados para



receber os meios digitais, e os processos de busca pela informação começaram a se organizar e, com a cultura digital, esses processos foram ampliados (SANTAELLA, 2008).

A cultura digital é caracterizada pelo acúmulo e pela circulação da informação. Sua coexistência com a cultura de massa e com a cultura das mídias não faz com que uma se sobreponha à outra. Ao contrário, é pela miscigenação produzida pelas manifestações culturais que o desenvolvimento das culturas é possível. Na era digital, a velocidade com que as mudanças tecnológicas acontecem é fascinante e o constante estado de atualização gera impactos psíquicos, culturais, científicos e educacionais. O uso dos computadores e sua convergência com as telecomunicações faz com que as sociedades desenvolvam uma capacidade imensurável de produção e armazenamento de informação (SANTAELLA, 2008).

É preciso considerar que a cultura digital é interposta à cultura de mídias uma vez que a primeira nasce nos “[...] processos de produção, distribuição e consumo comunicacionais a que chamo de ‘cultura das mídias’. Esses processos são distintos da lógica massiva e vieram fertilizando gradativamente o terreno sociocultural para o surgimento da cultura digital ora em curso” (SANTAELLA, 2008, p.13). O ciberespaço, originado no eixo da cultura digital, gera uma cultura heterogênea, devido a sua pluralidade. Com a possibilidade de acesso a sistemas de qualquer lugar do mundo, o ciberespaço produz uma cultura descentralizada num sistema autônomo. Em decorrência disso, a cibercultura propicia a organização de comunidades virtuais e desenvolve a inteligência coletiva (SANTAELLA, 2008).

Sem o telefone, o rádio, o jornal, a televisão, por exemplo, a disseminação e distribuição das experiências culturais seriam mínimas ou difíceis, além de complexas, ficando, dessa forma, concentradas em sociedades locais. Na contemporaneidade, os meios de comunicação convergem para uma única tela: a do computador a qual comporta um turbilhão de informações, organizadas a partir da miscigenação das linguagens produzidas por todos os meios de comunicação que antecederam a internet. As redes de internet são cada vez mais rápidas, o acesso à informação é cada vez mais dinâmico e cada vez mais fugaz e evanescente (SANTAELLA, 2008).

As mudanças que o meio digital vem imprimindo nas imagens implicam consequências epistemológicas, uma vez que variam os modos de representar as coisas. Os sistemas de representação digital são baseados em algoritmos que simulam a imagem (SANTAELLA, 2008). A convergência das imagens, na contemporaneidade, denota a



necessidade de interpretar a multiplicação imagética à qual os sujeitos estão expostos diariamente. Para auxiliar na reflexão sobre esta nova realidade de imersão imagética no mundo digital consideramos necessário abordar a cultura visual, a fim de identificar algumas particularidades nessa concepção de cultura.

A cultura visual visa apontar o modo como as imagens influenciam na formação do ser. Sobre as imagens, Tourinho (2011) afirma:

Imagens são artefatos que articulam informação, conhecimento, entretenimento e comunicação. Elas influenciam, direcionam, alteram e transformam sentidos e significados de experiências e de papéis sociais de alunos e professores. Desenhando nossos jeitos de ser, sentir e agir, as imagens nos formam, construindo e configurando traços identitários que nos identificam e nos representam (TOURINHO, 2011, p.06).

Ao longo da história da humanidade, nunca tivemos tantas possibilidades de acesso e de distribuição das imagens como na contemporaneidade. Esse processo foi desencadeado pelo desenvolvimento de câmeras fotográficas (TOURINHO, 2011). A fotografia possibilitou o registro da imagem, de forma mais real e rápida do que os registros obtidos através das artes visuais (pintura e escultura, por exemplo).

La fotografía, con su bajo coste y disponibilidad, democratizó la imagen visual y creó una nueva relación con el espacio y tiempo del pasado. Por primera vez, era posible que una persona normal y corriente pudiera grabar su vida con exactitud y crear archivos personales para futuras generaciones. Con el surgimiento de la imagen por ordenador y la creación en medios digitales para manipular la fotografía podemos, sin embargo, decir que la fotografía ha muerto. Está claro que la fotografía seguirá utilizándose diariamente en grandes cantidades pero su reivindicación como reflejo de la realidad ya no puede mantenerse. La reivindicación de la fotografía como representación de la realidad ha desaparecido (MIRZOEFF, 2003, p.101).

De acordo com Mirzoeff (2003), a fotografia permeou o desenvolvimento da cultura visual, uma vez que ela é obtida a partir do encontro da modernidade com o cotidiano. A cultura visual sinaliza que a tecnologia visual refere-se a qualquer produto produzido para potencializar a visão. Nessa perspectiva, podemos considerar como tecnologia visual, por exemplo, a pintura a óleo, a televisão ou a internet, devido às suas capacidades de destacar coisas que poderiam passar despercebidas aos olhos do homem (MIRZOEFF, 2003).

As organizações sociais orientadas pela cultura influenciam o modo de ver do sujeito e, por sua vez, orientam os estudos acerca da cultura visual, um campo de estudos



transdisciplinares ainda incipiente. A cultura visual tem como intenção identificar os impactos e os influxos causados na contemporaneidade (TOURINHO, 2011). Além disso, busca compreender o cotidiano, a partir das imagens, sob a ótica do consumidor, sobrepondo-se às do produtor. Para Mirzoeff (2003), a cultura visual não é responsável por refletir o mundo externo, mas permite que o interpretemos visualmente, por meio de sistemas representacionais que não podem ser considerados superiores ou inferiores, pois devemos interpretar tais sistemas com finalidades distintas.

De acordo com Mirzoeff (2003, p. 21), a cultura visual é “[...] una estructura interpretativa fluida, centrada en la comprensión de la respuesta de los individuos y los grupos a los medios visuales de comunicación”. Por essa estrutura é possível observar coisas que não são aparentes em si mesmas e que, para se tornarem visíveis a nossos olhos, dependem do desenvolvimento de tecnologias. A cultura visual é baseada na experimentação de um mundo mais gráfico e menos textual; desloca o foco de estudo para o cotidiano, levando o desenvolvimento estético para fora de ambientes organizados especificamente para a apreciação artística, como os museus, por exemplo. Tal deslocamento não implica a substituição de um espaço por outro, ao contrário, potencializa as experiências específicas na medida em que se torna possível compreender o que determinado sujeito possui como referências visuais (MIRZOEFF, 2003).

Educar, sob o ponto de vista da cultura visual, implica o desenvolvimento de um olhar crítico e curioso que desenvolve a imaginação, o deleite estético e potencializa os processos de produção e assimilação das imagens. Com a dinamicidade e a efemeridade com que as imagens se organizam na atualidade, torna-se necessária a sua experimentação nas salas de aula, com o intuito de sensibilização e discussão. A partir das imagens é possível problematizar o modo como nos percebemos e como percebemos o outro (TOURINHO, 2011). o que implica, no caso da educação, a necessidade de se desenvolverem metodologias de ensino que façam com que os estudantes compreendam as imagens que os rodeiam.

Não há uma metodologia especial para tratar as questões da cultura visual. As abordagens são híbridas, diversificadas, ecléticas, podendo utilizar elementos práticos e empíricos, bem como perspectivas teóricas e criativas. Isso porque são várias as implicações decorrentes dessas mudanças culturais que estamos experimentando (TOURINHO, 2011, p.13).



Tourinho (2011) denota que ainda não se vislumbra um método definitivo para trabalhar com cultura visual nas escolas. Refletir sobre como as imagens se apresentam no sistema digital é um tema que precisa ser considerado nas salas de aula. De acordo com essa autora, a função da imagem nas escolas é apresentar distintas ideias e conceitos, a fim de fazer com que o estudante construa seus referenciais, constituindo, assim, a sua identidade.

Uma vez que utilizamos imagens para nos representar, e que as mídias digitais nos permitem um amálgama de linguagens, destacamos a urgência da reflexão acerca das imagens veiculadas pelas redes. Ressaltamos que as imagens contemporâneas são permeadas pela miscigenação de materiais, de processos criativos e de visualidades; que exploram outros modos de representação e de divulgação, a partir das misturas culturais que, antes, tinham suas fronteiras delineadas (TOURINHO, 2011).

A multiplicação e a diversidade de imagens crescem constantemente, desde o desenvolvimento de equipamentos que capturam as cenas cotidianas. Equipamentos que evoluíram até chegar às possibilidades da televisão, do vídeo, do computador, etc. A partir da virtualização e desenvolvimento de mecanismos digitais, e com o processo de barateamento de tais produtos, criou-se um cenário de rápida obsolescência, ou seja, cada dia que passa surge um novo mecanismo ou *software* de captura, manipulação e acesso à imagem (entre eles, câmeras digitais, celulares, *web cams*, *scanners*, etc.) (TOURINHO, 2011).

Ainda que o domínio do uso do computador e da internet seja um dos pré-requisitos para ingressar no mercado de trabalho e que a expansão da internet motive o sujeito a estar conectado, o acesso a essas tecnologias ainda não se dá de forma uniforme. Observando questões referentes à distribuição social das tecnologias, Mirzoeff (2003) afirma que as classes sociais do futuro compreenderão ricos e pobres eletrônicos. Cria-se, neste contexto, um novo modo de exclusão caracterizado pelo analfabetismo digital (PEIXOTO, 2010).

A era da informática marca um estágio de evolução social que distingue os setores conectados à rede daqueles com menos acesso. A distinção entre ricos e pobres eletrônicos atua como uma forma de seleção natural na qual aqueles com mais capacidade para se desenvolver no meio digital e adquirir mecanismos tecnológicos compõem, por mérito próprio, a nova elite tecnocrática enquanto os menos capacitados ficam para trás (MIRZOEFF, 2003).

Ainda que o acesso à internet não se dê de forma uniforme, não podemos ignorar que a rede cria novas maneiras de vivenciar experiências visuais (MIRZOEFF, 2003). Com a



internet e o computador nosso modo de criar relações com as imagens se dá de forma interativa. Podemos escolher ver, ou não, uma imagem, independente da sua origem. A partir da aproximação com essas novas visualidades, a reflexão sobre como ensinar e sobre como aprender arte torna-se necessária (TOURINHO, 2011).

Destacamos que os modos de representação propiciados pelas tecnologias acompanham o nível de desenvolvimento de uma determinada sociedade. Ainda que novos modos de experimentar as imagens sejam efetivos, é importante salientar que um modo de representação não substitui os que o antecederam. Eles se complementam e geram novos modos, mas nunca de forma excludente. Dessa forma, é de suma importância o estudo da história da arte como referência para a discussão sobre as imagens na contemporaneidade. Afinal, as imagens a que somos submetidos por meio digital foram desenvolvidas graças às experiências estéticas que todas as formas de arte anteriores constituíram.

Retomando, a cultura é um organismo vivo, adaptável, imprevisível e surpreendente e que, a partir da sua construção, os indivíduos passam a organizar-se socialmente; ainda, observamos que a cultura visual é organizada, a partir dos modos de interação entre espectador e aquilo que se debruça sobre seus sentidos. A visualidade gerada pelos meios de comunicação e pelas inovações técnicas propicia um acontecimento visual que parte do signo, interagindo com as tecnologias e aproxima objeto e espectador (MIRZOEFF, 2003; SANTAELLA, 2008). Por intermédio dessa aproximação entre objeto e espectador, torna-se necessária a reflexão sobre a humanização das tecnologias, sendo o ensino de arte o meio que permitirá uma discussão mais abrangente, extrapolando os limites técnicos dessas imagens.

REFERÊNCIAS

MIRZOEFF, Nicholas. **Una Introducción a la cultura visual**. Barcelona: Paidós, 2003.

PEIXOTO, Joana. As apropriações da internet pelos jovens e as práticas educativas na EJA. In: **Jovens: espaços de sociabilidade e processos de formação**. Org. Maria Tereza Canezin Guimarães e Sônia M. Gomes Sousa. Editora PUC-Goiás: Cânone Editorial, 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2008.

TOURINHO, Irene. **Cadernos TV Escola – Cultura Visual e Escola - Ano XXI Boletim 09 - Agosto 2011**.